

© **Edições Cristãs – Editora Ltda.**

Estudo sobre o livro de MALAQUIAS

H. Rossier

1ª edição brasileira: maio de 2019

Tradução: R. J. A.

Capa: Daniel de Almeida Jané

ISBN:

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da Editora.

EDIÇÕES CRISTÃS – EDITORA LTDA.

Caixa Postal 250

19900-970 – OURINHOS – SP – BRASIL

Endereço eletrônico: edicoescristas@uol.com.br

Site: www.edicoescristas.com.br

ÍNDICE

Introdução

Capítulos 1 e 2.1-9

O amor de Deus para com o Seu povo

“Em que nos tens amado?”

“Amei a Jacó e aborreci a Esaú”

A condição do sacerdócio

Honra ao pai e temor ao Senhor

Deus Se voltará para com as nações

O sacerdócio adulterado

O pacto com Levi

Cristo, o levita fiel

Capítulos 2.10-17 e 3.1-15

A condição do povo

Profanação e falta de lealdade

Violação da instituição do matrimônio

A cristandade segue o mesmo caminho

Os filhos de Levi

A vinda de Cristo

O templo, habitação de Deus

A vinda do Senhor ao Seu templo

Israel não soube esperar ao Senhor

O Senhor assenta-se como o afinador

Purificará os filhos de Levi

Julgará ao Seu povo

O temor a Jeová

Voltem para Mim!

“Em que temos que voltar?!”

Pôr Deus à prova

Liberalidade e bênção

“O que temos falado contra Ti?”

Capítulo 3.16-18

Os que temem ao Senhor

“Falaram cada um ao seu companheiro”

“Pensam em Seu Nome”

Esperar a vinda do Senhor

Um livro memorial

Meu especial tesouro

Capítulo 4

O Sol da Justiça

A vinda de Elias.

.oOo.

INTRODUÇÃO

Cronologicamente, Malaquias é o último dos profetas enviados a Judá depois deste ter retornado do cativeiro. Ageu e Zacarias profetizaram durante os acontecimentos relatados no livro de Esdras. Malaquias é posterior, pois menciona circunstâncias análogas às do capítulo 13 de Neemias, mas tudo leva-nos a pensar que sua profecia foi pronunciada depois deste período.

De qualquer maneira, seu **alcance** vai muito além deste marco mais ou menos restrito, pois Malaquias descreve o estado moral do povo. Tal estado existia até mesmo nos tempos de João Batista, último profeta do antigo pacto, quando Jesus, o Messias prometido a Israel, estava para aparecer em cena.

Muitos acontecimentos de grande importância se deram durante os quatro séculos e meio que transcorreram desde Neemias, último historiador do Antigo Testamento, e o

ministério de Cristo. O livro de Ester é de data anterior à de Neemias.

Malaquias não faz nenhuma alusão profética aos acontecimentos que proliferaram neste período, enquanto que Zacarias, assemelhando-se nisto a Daniel, os menciona claramente. O que acontece é que Malaquias só considera o estado moral do povo, destinado a receber o Messias, e os juízos que cairiam sobre ele se sua consciência obstruída não acorda-se antes desta visitação, ao mesmo tempo que um verdadeiro remanescente esperaria a vinda do Senhor.

Como se v e nos últimos três profetas do Antigo Testamento, Deus tinha trazido a Judá do cativo babil nico para estabelecer o reinado de Cristo, se o povo O recebesse, mas, se chegasse ao ponto da incredulidade de rejeitar o seu Rei, Deus tinha em vista uma salva o maravilhosa que seria oferecida a todas as na es.

Malaquias, pois, não nos fala profeticamente do império de Alexandre, nem dos tempos heroicos dos Macabeus, nem da conquista romana, mas descreve o sombrio estado moral do povo e ressalta, sobre este fundo escuro, a existência de um pequeno remanescente preparado para proclamar a vinda do Libertador.

Tudo isto   de grande interesse e digno de chamar a nossa aten o, pois se trata do futuro de Israel e da vinda de Cristo, mas, como veremos em continua o, o livro de Malaquias tem para nós um alcance imediato e considerável se o aplicarmos ao estado atual da cristandade em sua rela o com a segunda vinda do Senhor.

De nenhuma maneira queremos dizer que Malaquias aluda a este assunto, pois todo o período da Igreja e a história da cristandade estão reservados ao Novo Testamento e a seus profetas, enquanto que o Antigo Testamento guarda profundo silêncio a este respeito, mas não esqueçamos que a história de Israel oferece ao cristão um ensino que este seria muito culpado se não o aproveitasse.

As coisas que sucediam a este povo eram **um exemplo** e foram escritas *“como exemplos e foram escritas para*

advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado” (1 Coríntios 10.11).

Consideraremos, pois, durante este nosso estudo, por uma parte a condição de Israel em relação com a primeira vinda de Cristo e, por outra, a da cristandade em relação com a Sua segunda vinda, ao Ele vir dos céus para buscar os Seus santos. Este tema nos surpreenderá ainda mais por estar tão limitado. Contrariamente com o que ocorre com outros profetas, Malaquias não nos diz nem uma palavra da rejeição de Cristo e dos Seus sofrimentos expiatórios. Ele anuncia Sua vinda. E quem a suportará se o Messias não encontra um povo disposto a recebê-lo.

Os que constituíam o restante de Judá tinham sido preparados anteriormente para esta acolhida. A graça de Deus tinha feito subir esta tribo da Babilônia. Ela teria sido o verdadeiro remanescente se o seu coração tivesse mudado. João Batista a exorta com insistência por meio do batismo de arrependimento.

A maior parte da nação, sob a direção de seus chefes, permanece surda à missão do maior de seus profetas. Alguns o escutam, recebem o Messias que tinha chegado e se convertem no núcleo ao qual se associará mais tarde o Israel profético.

Logo após a ressurreição do Salvador, estes mesmos discípulos formam o núcleo da Igreja, o parêntese celestial entre a vinda do Messias judeu aqui e Seu advento com glória para assumir o governo de Israel e do mundo, mas isto de nenhuma maneira impede que, como discípulos judeus que receberam o Messias, eles sejam o primeiro degrau ao qual se ajuntarão os fiéis do remanescente judeu dos últimos tempos.

A primeira pergunta que nos é feita é: Em que estado moral se encontrava o povo, tendo voltado da Babilônia, para esperar a primeira vinda de Cristo? E em que estado moral se encontra hoje a cristandade para esperar Sua segunda vinda?

.oOo.

CAPÍTULOS 1 e 2.1-9

O AMOR DE DEUS PARA COM O SEU POVO

“Sentença pronunciada pelo Senhor contra Israel, por intermédio de Malaquias” (1.1). Ainda que Malaquias profetizava no meio dos fracos restantes de Judá e de Benjamim, voltados do cativo, sua mensagem abarca **Israel**, isto é, o conjunto de todo o povo. Nisto difere de Zacarias, que este considera tão somente Judá e Jerusalém. O estado moral que Malaquias vai descrever compreende, pois, a nação como um todo e o juízo que deveria alcançá-la seria geral. Assim também a primeira vinda do Messias abarca a todos o povo (Lucas 1.54; 2.10, 25, 32).

“*Eu vos tenho amado, diz o Senhor; mas vós dizeis: Em que nos tens amado? Não foi Esaú irmão de Jacó, disse o Senhor; todavia amei a Jacó, porém aborreci a Esaú*” (v. 2).

“*Eu vos tenho amado*”. Que frase tão comovente! Por ela começa Deus; ela é a origem de todas as Suas relações com os homens, de todos os Seus desígnios para com Seu povo. Desde a eternidade, as delícias da Sabedoria são os filhos dos homens (Provérbios 8.31) e, em relação com Israel, Deus tinha provado Seu amor desde o princípio, primeiramente pela graça de Sua eleição: “*Amei a Jacó*”.

A seguir, o Senhor tinha livrado a Israel do Egito, os tinha tomado como sobre as asas da águia para trazê-los a Si; os tinha conduzido por meio da nuvem pelo deserto para introduzi-los finalmente no país da promessa. E, quanto aos Seus juízos, prova infalível de Seu caráter e santidade, precisa cair sobre este povo infiel o amor de Deus. Não tinha terminado por restaurá-lo e fazê-lo subir à sua terra? Podia Israel duvidar um instante de um amor que de tantas maneiras se tinha manifestado a seu favor?

Esta mesma frase a pronuncia Deus ainda hoje. A cristandade, apesar de sua rápida marcha para uma apostasia final, pode ouvi-la diariamente: “*Eu vos tenho*

amado". A cruz de Cristo não é uma prova incontestável deste amor?

“Em que nos tens amado?”

Poderíamos pensar que esta frase encontraria eco no emocionado coração do povo, comovido por semelhante graça imerecida... Mas escutemos o que este povo responde: *“Em que nos amaste?”*

Pode-se conceber tal dureza de coração? Este povo. Depois de ter sofrido durante muitos anos as consequências de sua infidelidade, agora, no mesmo momento em que os imerecidos desígnios da graça se repetem a seu respeito tem a audácia e dizer: *“Em que nos tens amado?”* Eles não conhecem o Deus com quem tem relação e nem se conhecem a si mesmos. Não sabem que Deus nunca muda e que Seus juízos são imutáveis e Seu amor é tão imutável quanto Sua justiça. Tal é o primeiro caráter deste povo.

Acaso o estado da cristandade difere deles? Às vezes Deus sacode o mundo por meio de terremotos e inundações catastróficas. Aqueles que dizem crer em Deus, em vez de arrepender-se, dizem: Onde está Seu amor? E, no entanto, os passados e atuais juízos de Deus, embora provem Seu horror para o mal, têm como propósito atrair as almas para Ele e provar-lhes quer, apesar de seus pecados, interessa-Se por elas e procura o seu bem.

Seu amor para com elas não tem mudado porque o valor da cruz de Cristo é para sempre e, por Seus juízos, Deus quer comover as consciências e dirigir os olhos como antigamente a dos israelitas para a serpente de bronze (Números 21.8), para o único meio de salvação.

Certamente, há um justo governo de Deus no mundo e é necessário que o homem o compreenda e o experimente para aprender que seu único recurso está no imutável amor de Deus.

Em vez disto, os pecadores encontram neste justos juízos uma ocasião para duvidar do caráter dAquele que os chama.

Nada comove o coração do homem. Ele não considera que apenas merece o juízo divino e, em vez de recorrer à graça, diz, como o servo mau: *“Senhor, sabendo que és homem severo, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste”* (Mateus 25.24). *“Em que nos tens amado?”*

Assim como no caso de Israel, o primeiro rasgo da cristandade professante é, pois, a indiferença para com o amor de Deus e, ainda mais, a ignorância quanto ao caráter de Deus e quanto ao seu próprio.

“Amei a Jacó e aborreci a Esaú”

A esta pergunta solene: *“Em que nos amaste?”*, o Senhor responde recordando-lhes sua origem: *“Não foi Esaú irmão de Jacó, diz o Senhor; todavia, amei a Jacó, porém aborreci a Esaú”* (2.2-3). Em que se baseava a eleição de Jacó? Quando o Senhor disse: *“O mais velho servirá ao mais moço”* (Gênesis 25.23), o que determinou a sua eleição? Nenhum daqueles dois irmãos tinha feito, até o momento, algo de bom ou de mau; o que estabelecia a diferença entre eles era o determinado propósito, a livre disposição de Deus, segundo a eleição da graça (Romanos 9).

E por que diz agora: *“Amei a Jacó”*? Será que havia algo na conduta de Jacó que o fizesse mais amável? Certamente, o caráter de Jacó não tem nada de atraente para nós e muito menos para Deus, pois nunca houve um homem com a fê mais misturada com o engano. Será que foram as obras de Jacó as que, apesar do seu caráter, atraíram o amor de Deus? Não! Há poucos patriarcas que tenham tido uma vida mais pobre em boas obras e Malaquias vai mostrar-nos o que eram as obras de seus descendentes.

De onde provinha, pois, o amor do Senhor para com um homem e depois para um povo tão miseráveis? Provinha da necessidade do coração de Deus de dar-*Se* a conhecer, de mostrar aos pecadores o que Ele é. Israel se aproveitou do fato de que Deus queria revelar-*Se* a Si mesmo, isto é, Sua natureza e Seu coração, a uns miseráveis seres como nós.

Mas o Senhor acrescenta: *“Porém aborreci a Esaú”*. Será que havia injustiça ou parcialidade em Deus por tê-lo rejeitado? De maneira nenhuma. A livre eleição do Deus soberano não é ódio. Em Gênesis encontramos esta eleição: *“O mais velho servirá ao mais moço”* (Gênesis 25.23), mas não vemos ódio contra Esaú. Deus não está pronunciando um juízo sobre Esaú; precisamos chegar até Malaquias, o último livro profético do Antigo Testamento, para sabê-lo.

O ódio de Deus contra Esaú não é mais do que o resultado da conduta de Esaú. O Senhor lhe tinha dado, da mesma maneira que à sua descendência, uns 1.400 anos para que provasse pelas suas obras se era digno de ser amado por Ele, mas Edom (o povo que é descendente de Esaú) tinha-se mostrado sempre o juramentado inimigo de Deus e do Seu povo e finalmente tinha chegado ao limite de suas iniquidades pela sua conduta com relação a Jerusalém e seus irmãos no dia da calamidade destes (Obadias 10-14).

Por isso Deus faz dele, baseando-se em suas obras, exemplo de um juízo sem misericórdia. Segundo diz Malaquias, Edom será chamado a *“Terra-De-Perversidade e Povo-Contra-Quem-O-Senhor-Está-Írado-Para-Sempre”* (1.3-5) e, segundo o profeta Obadias, *“será exterminado para sempre... e ninguém mais restará da casa de Jacó”* (Obadias 10, 18).

Após ter estabelecido estes dois princípios (por um lado Seu amor e Sua eleição segundo a graça e, por outro, Sua justiça e Sua santidade que não podem deixar o mal sem castigo), Deus passa à condição atual deste povo a quem tinha amado. Israel tinha-se mostrado indigno de tanto amor ou também merecia tal juízo? Isto é o que vão mostrar-nos os capítulos 1.6-14 e 2.1-17.

A única diferença a favor de Israel, comparado com Edom, é que haverá naquele povo um remanescente, salvo segundo a eleição graça. Este remanescente mostrará de que maneira Deus sabe conciliar Seu ódio pelo pecado e Seu amor pelo pecador.

E a cruz de Cristo é o único lugar no qual a justiça de Deus se manifesta, justificando o pecador em lugar de condená-lo.

Voltemos agora à profecia e examinemos, em primeiro lugar, o estado moral de Israel, possuidor de tantos privilégios.

A condição do sacerdócio

Toda esta passagem bíblica (1.6-14; 2.1-9) descreve a condição do **sacerdócio** e depois a do **povo** (2.10-17). O sacerdote era, ao mesmo tempo, o mediador entre Deus e a nação e o representante da nação perante Deus, mas aqui tem o caráter **daquele que rende culto a Deus**.

Se o povo tivesse escutado atentamente a voz do Senhor, todo ele teria sido um *“reino de sacerdotes e nação santa”* (Êxodo 19.6). Mas entregue aos seus atos desde o pé do Sinai, Israel, já no seu primeiro ato (fazer o bezerro de ouro), perdeu todo o direito de cumprir aquela função.

Deus, tendo tentado tantas vezes exercer Sua paciência para com o povo para ver se este podia reconquistar pela sua conduta os privilégios que tinha perdido, suscitou um novo sacerdócio universal ao afastar a Sua Igreja.

E esta se tem mostrado digna do sacerdócio que lhe foi confiado? A história da cristandade professante responde negativamente a esta pergunta, ainda que ela pretenda estar em boas relações com Deus para o culto. Tem a palavra de “culto” em seus lábios, mas tem esquecido totalmente o significado deste serviço. Até mesmo os crentes que estão entre ela são prova de semelhante ignorância.

É claro que todos são sacerdotes aos olhos de Deus, mas é o único exemplo de ignorância em relação à homenagem que Deus tem direito ao sacerdócio, mas não cumprem mais suas funções. Israel é o único exemplo de ignorância em relação à homenagem que Deus tem direito de esperar de Seu povo.

Honra ao pai e temor ao Senhor

“O filho honra o pai, e o servo, ao seu senhor. Se Eu sou pai, onde está a Minha honra? E, se Eu sou senhor, onde está o respeito para comigo?, diz o Senhor dos Exércitos a vós outros, ó sacerdotes que desprezais o Meu Nome” (1.6).

Ainda que a relações familiares, de que nos fala esta passagem, iam enfraquecendo naqueles dias (da mesma maneira como acontece hoje com o progresso da apostasia), ainda se admitia que o filho devia honrar a seu pai e que o servo devia temer a seu senhor.

Pois bem, Deus era pai e senhor ao mesmo tempo e os sacerdotes menosprezavam o Seu Nome, mas diziam: *“Em que desprezamos nós o Teu Nome?”* (v. 6). E Deus lhes responde: *“Ofereceis sobre o Meu altar pão imundo e ainda perguntais: Em que Te havemos profanado? Nisto que pensais: A Mesa do Senhor é desprezível”* (v. 7).

Sua pergunta denotava esta ignorância da qual já temos falado: ignorância do caráter de Deus, do que Lhe é devido e da culpabilidade de seus próprios atos.

Apliquemos estas palavras ao que acontece na cristandade professante, aquela que pretende render culto a Deus, aproximar-se da Sua Mesa e tomar parte no memorial do sacrificio de Cristo.

Que vemos ali? Pureza ou mancha? Os que ali se apresentam são santos, purificados de suas iniquidades ou estão carregados de pecados? E uns ainda dizem: Em que temos desprezado nós o Teu Nome, ou em que Te temos profanado? Temos procedido mal fazendo assim? Não temos cumprido pontualmente nossos deveres religiosos?

“Nisto, que pensais: A Mesa do Senhor é desprezível”. Talvez estas palavras não estejam em seus lábios, mas nos seus **atos**, os quais mostram como estimam ao Senhor e a Sua Mesa.

“Quando trazeis animal cego para o sacrificardes não é isto mal? E quando trazeis o coxo e o enfermo, não é isto mal?”

Ora, apresenta-o ao teu governador; acaso terá ele agrado e te será favorável?, diz o Senhor dos Exércitos” (v. 8).

O que oferece a Deus o homem religioso de nossos dias? E o que faz por Ele? Apenas cumpre publicamente atos que o fazem honroso aos olhos dos outros homens. O farisaísmo, quer seja judeu ou cristão, não tem outro alvo.

Suas obras de caridade fazem que os homens falem deles; mas, no segredo, com que pode oferecer a um Deus a Quem não conhece, a não ser “*um animal enfermo*”?

Que faremos, pois, para sermos agradáveis a Deus?, exclamaram estes homens e a resposta é: “*Agora pois, suplicai o favor de Deus, que nos conceda a Sua graça; mas, com tais ofertas nas vossas mãos, aceitará Ele a vossa pessoa?, diz o Senhor dos Exércitos” (v. 9).*

Arrependam-se, deixem os seus caminhos, implorem a Deus, apelem à Sua **graça**. Este é o seu único recurso, o único meio com que podeis contar para receber os favores de Deus.

Não podeis fazer boas obras e a sua conduta o comprova; as melhores a seus olhos são para Deus apenas obras mortas, das quais a sua consciência tem que ser purificada (Hebreus 9.14).

“Tomara houvesse entre vós quem fechasse as portas, para que não acendêsseis, de balde, o fogo do Meu altar: Eu não tenho prazer em vós, diz o Senhor dos Exércitos, nem aceitarei da vossa mão a oferta” (v. 10).

Aqui encontramos outro caráter moral do sacerdócio adulterado: o **interesse** que tem o homem quando pretende servir a Deus. E não pode fazer outra coisa porque não conhece a Deus.

Por isso Deus pronuncia o juízo mais completo sobre esta profissão sem vida e declara que não há nenhum vínculo moral entre ela e Ele: “*Eu não tenho prazer em vós... nem aceitarei da vossa mão a oferta*”.

Deus Se voltará às nações

“Mas, desde o nascente do sol até ao poente, é grande entre as nações o Meu Nome; e em todo lugar Lhe é queimado incenso e trazidas ofertas puras, porque o Meu Nome é grande entre as nações, diz o Senhor dos Exércitos” (v. 11).

O profeta declara aqui que Deus Se voltará para as **nações**. E é o que realmente aconteceu. O Senhor abandonou o Seu povo ao juízo e o Evangelho foi anunciado aos gentios. Uma grande multidão deles se converteu para servir ao Deus vivo e verdadeiro e pôs sua esperança em Cristo.

Esta palavra do profeta, pois, pode aplicar-se imediatamente à bênção dos gentios pela fé cristã, mas ainda vai mais longe: o Espírito leva nossos pensamentos para um dia ainda futuro, quando uma oferta pura será apresentada pelas nações ao Deus de Israel.

Este fato que nos é citado no Antigo Testamento só acontecerá depois do juízo definitivo executado sobre o povo rebelde e seus opressores.

Então uma multidão inumerável de gentios estará perante o trono na presença do Cordeiro (Apocalipse 7) e em todo lugar, não somente no templo em Jerusalém, se queimará incenso ao grande Nome do Senhor.

“Mas vós o profanais, quando dizeis: A Mesa do Senhor é imunda, e o que nela se oferece também é, a sua comida é desprezível. E dizeis mais: Que cansa! E Me desprezais, diz o Senhor dos Exércitos; vós ofereceis o dilacerado, e o coxo, e o enfermo; assim fazeis a oferta. Aceitaria Eu isso da vossa mão?, diz o Senhor” (vs. 12-134).

Deus via o que estava no fundo do coração dos sacerdotes de Israel. A cristandade professante oferece o mesmo espetáculo. O gozo da presença do Senhor, a comunhão com Ele, a apreciação do sacrifício de Cristo são para estas coisas desconhecidas e apenas fazem sair de seus lábios uma expressão: *“Que cansa!”*.

Será que ela pode compreender a felicidade que encontram os crentes que estão em comunhão com o Pai e com o Filho? Será que pode encontrar delícias na Palavra, da qual unicamente o Espírito Santo testifica?

“E Me desprezais, diz o Senhor dos Exércitos”. A revelação de Deus e de Cristo é para o homem um polvo molesto que procura tirar de cima; não significa nada para seu coração e para sua consciência, porque não têm nem coração e nem consciência voltados para Deus.

O mundo considera que as distrações e os prazeres são preferíveis ao verdadeiro culto. Pode o Senhor aceitar sacrifícios oferecidos em tais condições? Mesmo no que chamam de *“um voto”*, isto é, um sacrifício voluntário, sacrificam *“o dilacerado”*, e a aparência de zelo é suficiente (v. 14).

O sacerdócio adulterado

Agora, neste primeiro capítulo recapitulamos as características do sacerdócio adulterado, encontramos a total ignorância acerca do amor de Deus, a ignorância respeito à Sua santidade e a ausência do temor a Deus.

A impureza é levada à Sua Mesa; dons sem valor são apresentados para guardar as aparências, o interesse rege todos os atos de seu serviço para o Senhor. Esta carência de realidades na vida religiosa produz fastio e nojo pela coisas divinas.

Deus permita que sejamos guardados deste espírito e destas tendências próprias da nossa natureza que já tem predisposição para seguir! Deus não nos pede vãs aparências, mas pede a verdade no coração, atos que correspondam a nossas palavras e palavras que correspondam ao estado de nossas almas. Feliz é aquele de quem o Senhor Jesus possa dizer: *“Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo”* (João 1.47).

O capítulo 2.1-9 pertence propriamente ao que o precede. Não faz, como também o capítulo 1 não faz, uma completa descrição da apostasia final, mas apenas descreve o caráter moral do sacerdócio, deixado à sua própria responsabilidade.

De modo que podemos dar uma olhada ao coração do homem religioso a fim de saber evitar, para nós mesmos, os

traços que o caracterizam. Com este propósito, o crente deve reter as primeiras palavras do profeta: *“Eu vos tenho amado”*. Nossa garantia é a certeza do conhecimento do amor de Cristo. Voltemos sempre a beber desta fonte, pois não temos outro meio para render um testemunho fiel.

O Senhor não diz à igreja em Filadelfia: Reconheça que Eu te tenho amado (Apocalipse 3.9). Se nos reclinarmos ao colo do Senhor Jesus, só sentiremos o latir do amor. Ali aprenderemos a conhecê-LO e a buscá-LO através do jeito, sempre imperfeito, em que cumpramos nosso serviço.

“Agora, ó sacerdotes, para vós outros é este mandamento. Se o não ouvirdes e não propuserdes no vosso coração dar honra ao Meu Nome, diz o Senhor dos Exércitos, enviarei sobre vós a maldição e amaldiçoarei as vossas bênçãos; já as tenho amaldiçoado, porque vós não propondes isso no coração. Eis que vos reprovarei a descendência, atirarei excremento ao vosso rosto e, para junto deste, sereis levados” (vs. 1-3).

Os homens que, graças aos seus privilégios, estão mais perto de Deus, são os julgados com maior severidade. Estes sacerdotes se orgulhavam de suas prerrogativas, mas tinham esquecido de Deus, o Qual tinha vindo a ser para eles uma quantidade inesgotável de bênçãos.

Para que eles existiam, senão para *“glorificar a Deus”*? De outro modo, Deus amaldiçoaria suas bênçãos e seus privilégios se tornariam maldição para eles. Esta ameaça já era uma coisa atual nos dias do profeta Malaquias.

O pacto com Levi

“Então sabereis que Eu vos mandei este mandamento, para que a Minha aliança continue com Levi, diz o Senhor dos Exércitos” (v. 4). Encontramos aqui uma confusão intencional, isto é muito frequente no AT, entre sacerdotes e levitas.

O sacerdócio propriamente dito já tinha fracassado, diante do Sinai, quando Arão, como sacerdote, tinha deixado o povo desenfreado fazendo um bezerro de ouro (Êxodo

32.25). Tinha falhado novamente quando Nadabe e Abiú, filhos de Arão, ofereceram fogo estranho ao Senhor (Levítico 10.1) e foram consumidos. Também tinha fracassado quando Eli, descendente de Itamar, honrou a seus filhos mais do que ao Senhor, pelo que Deus lhe anunciou que suscitaria em seu lugar um sacerdote fiel que andaria perante o Seu Ungido todos os dias (1 Samuel 2.29, 35). Então foi suscitado Zadoque, da família de Eleazar, e esta família ocupou desde então o primeiro lugar no sacerdócio (1 Crônicas 6.50-53; 24.1-6).

E no final de Neemias vemos o que aconteceu com esta família: *“Contaminaram o sacerdócio, como também a aliança sacerdotal e levítica”* (Neemias 13.29).

Do mesmo modo, em Malaquias, tinham *“violado a aliança de Levi”* (Malaquias 2.8). Mas isto não anulava o determinado propósito do Senhor de conservar nesta família, para o futuro, um sacerdote fiel que, melhor do que Zadoque durante a realeza de Davi, *“que procederá segundo tenho no coração e na mente”*, diz o Senhor (1 Samuel 2.35). Mas por causa do sacerdócio, nestes dias de Malaquias, o Senhor insiste em Sua aliança com Levi.

Esta maldição, pronunciada aqui sobre o sacerdócio judaico, alcançará igualmente a profissão cristã. Ao aludir ao capítulo 19.6 do Êxodo, o apóstolo Pedro diz aos cristãos: *“Sois edificadas casa espiritual para serdes sacerdócio santo”* (1 Pedro 2.5, 9). Como profissão, este sacerdócio se tornou infiel e não poderá subsistir, mas os conselhos de Deus são irrevogáveis e permanecerão, apesar de tudo.

Embora seja certo que o conjunto cai sob o juízo e, ao castigar os maus servos, Deus tem que dizer: *“Virá o senhor daquele servo em dia em que não o espera e em hora que não sabe e castigá-lo-á, lançando-lhe a sorte com os hipócritas; ali haverá choro e ranger de dentes”* (Mateus 24.50, 51), não é menos certo que Seu pacto com Levi permanece.

Os filhos de Levi têm demonstrado zelo pelo Senhor em ocasiões memoráveis. Após a ereção do bezerro de ouro e do pecado de Arão, Moisés se pôs à porta do acampamento e

disse: *“Quem é do Senhor venha até mim. Então, se ajuntaram a ele todos os filhos de Levi, aos quais disse: Assim diz o Senhor, o Deus de Israel: Cada um cinja a espada sobre o lado, passai e tornai a passar pelo arraial de porta em porta, e mate cada um a seu irmão, cada um, a seu amigo, e cada um, ao seu vizinho”* (Êxodo 32.26-29). O zelo dos levitas pelo Senhor era a sua consagração, em contraste com a consagração oficial dos sacerdotes (Êxodo 29).

Este zelo tinha-se mostrado pela segunda vez durante a aliança de Israel com as filhas de Moabe para adorar a Baal-Peor. Fineias, filho de Eleazar, em seu zelo pelo Senhor havia matado os culpados. Este acontecimento constitui tema de nosso trecho: *“Minha aliança com ele foi de vida e de paz”* (v. 5) e isto é realmente o que o Senhor tinha dito a Moisés: *“Fineias, filho de Eleazar, filho de Arão, o sacerdote, desviou a Minha ira de sobre os filhos de Israel, pois estava animado com o Meu zelo entre eles; de sorte que, no Meu zelo, não consumi os filhos de Israel. Portanto, dize: Eis que **the dou Minha aliança de paz**. E ele e a sua descendência depois dele terão a **aliança do sacerdócio completo**; porquanto teve zelo pelo seu Deus e fez expiação pelos filhos de Israel”* (Números 25.10-13).

Em virtude da fidelidade de Fineias, o sacerdócio perpétuo devia ficar na família de Eleazar, de quem este levita era filho.

Realmente, é o que acontecerá nos últimos tempos. Vê-se em Ezequiel 48.11 que a família dos sacerdotes, da qual os filhos de Zadoque foram titulares sob o reinado de Davi, subsistirá durante o reino milenar de Cristo. *“Esta região santa... será para os sacerdotes santificados, para os filhos de Zadoque, que cumpriram o seu dever e não andaram errados, quando os filhos de Israel se extraviaram, como fizeram os levitas”*.

Temos aqui um dos exemplos da confusão intencional, mencionada anteriormente, entre os sacerdotes e os levitas, pois eram os sacerdotes os que tinham *“corrompido a aliança de Levi”* (v. 8).

“Minha aliança com ele foi de vida e de paz, ambas lhe dei Eu para que Me temesse; com efeito, ele Me temeu e tremeu por causa do Meu Nome. A verdadeira instrução esteve na Minha boca, e a injustiça não se achou nos seus lábios; andou comigo em paz e em retidão e da iniquidade apartou a muitos. Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens procurar instrução, porque ele é mensageiro do Senhor dos Exércitos” (vs. 5-7).

Levi tinha cinco características:

1-Quanto ao seu coração, ele temia ao Senhor; diferenciava-se destes sacerdotes profanos dos quais Deus dizia: *“Onde está o respeito para comigo?”* (1.6).

2-Quanto às suas palavras, a lei da verdade estava na sua boca e a iniquidade não foi achada em seus lábios.

3-Quanto ao seu andar, andava com o Senhor em paz e retidão.

4-Quanto ao seu ministério, tinha afastado a muitos da iniquidade.

5-Quanto à sua mensagem, era o enviado de Deus.

Cristo, o Levita fiel

A Palavra considera aqui o fraco serviço dos levitas em comparação com o do filho de Eleazar. Aprecia este serviço segundo a sua origem, assim como também considera o nosso em comparação com o de Cristo.

Toda esta passagem, com efeito, nos fala dEle e nos oferece uma imagem admirável de Sua atividade como homem. Na terra, Jesus não era sacerdote; só chegou a ser sacerdote em virtude de Sua ressurreição de entre os mortos (Salmo 110). Mas toda a Sua carreira na terra correspondia à de um levita fiel.

Era o perfeito servidor, tanto do Senhor quanto do homem caído; por isso, Deus Lhe conferiu um sacerdócio que não se transmitirá jamais. Desde então podia estar no céu, perante Deus, para servir aos homens, porque tinha estado no mundo para servir a Deus perante os homens.

Uma passagem de Deuteronômio nos apresenta novamente Levi sob o caráter figurativo de Cristo: *“De Levi disse... o teu Tumim em o teu Urim para o homem Teu fidedigno... Abençoa o Seu poder, ó Senhor, e aceita a obra das Suas mãos”* (33.8-11).

Neste magnífico capítulo, dois personagens têm a preeminência sobre todos os demais: José e Levi. Ambos se caracterizam pela **separação para Deus**. De uma parte, as bênçãos estão sobre José porque tinha estado separado dos irmãos. Seu caráter era o de nazareno, cuja separação era ordenada por Deus. Neste posição, tinha sido achado fiel por isso o favor de Deus vem *“sobre a cabeça de José, sobre a cabeça do príncipe entre seus irmãos”* (Deuteronômio 33.16).

Quanto a Levi, sua separação tinha sido **voluntária**, fruto de sua fidelidade; pelo que o Senhor, por isso abençoa o que fizeram e recebe com agrado a obra das suas mãos. Por isso, segundo a petição de Moisés, lhe é designado o sacerdócio perpétuo: os Urim e Tumim, atributos do sacerdócio, por meio dos quais se consultava ao Senhor (1 Samuel 28.6; 23.9; Números 27.1; Esdras 2.63; Neemias 7.65), são para o que *“tem a imponência do primogênito”* (v. 17).

Historicamente, esta promessa se cumpriu na família de Eleazar, pai de Fineias, mas aqui, Levi é o personagem, um só homem. A conduta de Levi (Fineias), como a de Cristo, de quem é figura é a base de todo sacerdócio.

“Mas vós vos tendes desviado do caminho e, por vossa instrução, tendes feito tropeçar a muitos; violastes a aliança de Levi, diz o Senhor dos Exércitos. Por isso, Eu vos fiz desprezíveis e indignos diante de todo o povo, visto que não guardastes os Meus caminhos e vos mostrastes parciais no aplicardes a lei” (vs. 8-9).

O profeta volta-se aos sacerdotes que, disto, só têm a aparência e a profissão. Em vez de andarem no caminho do verdadeiro servidor, que devia ter sido o seu modelo desde o princípio, eles tinham seguido, embora usassem Seu Nome, caminhos de corrupção, dando assim exemplo para muita

gente para que abandonasse a lei, ou talvez a tivessem aplicado de maneira diferente, segundo se tratasse de pobres ou de gente de posição.

Por isso Deus ia cobri-los de desprezo perante todos.

CAPÍTULOS 2.10-17; 3.1-15

A CONDIÇÃO DO POVO

Profanação e deslealdade

A segunda parte do capítulo 2 trata de outro tema. Não mais se trata do sacerdócio, mas do povo.

Parece que o versículo 10 é um confissão geral: *“Não temos nós todos o mesmo Pai? Não nos criou o mesmo Deus? Porque seremos desleais uns para com os outros, profanando a aliança de nossos pais?”*.

São como palavras de arrependimento colocadas na boca de Israel, palavras que se repetirão mais tarde, quando o remanescente reconheça o seu pecado. Assim como os sacerdotes tinham corrompido sua aliança com Levi (v. 8), da mesma maneira o povo tinha profanado a aliança de seus pais.

Mas não eram todos filhos de um mesmo pai e criados por um só Deus? Aqui não se trata de relacionamento como Pai, manifestada aqui na terra por Jesus, estabelecida pela obra da cruz e proclamada na ressurreição de Cristo, relação da qual somente os cristãos participam, pois no Antigo Testamento não é revelada e ela nunca pertenceria ao povo judaico como tal.

A relação de que nos fala esta passagem pertence, pelo contrário, a todos os homens, judeus ou gentios, embora os crentes a possuam de um modo muito especial.

Sua origem comum não deveria pôr em seus corações muitos sentimentos de amor e de benevolência? Por isso vemos em Efésios 4.6 que há *“um só Deus e Pai **de todos**, o*

*Qual é sobre todos, age por meio de todos e está **em todos***". Nossa passagem fala desta relação. Eram irmãos, apesar de não terem sido gerados pelo mesmo Deus e, acaso os irmãos agem perfidamente uns com os outros?

A reprovação contida neste versículo corresponde àquela que o Senhor dirige em 1.6 aos sacerdotes: *"Se sou seu Pai, onde está a Minha honra?"*. Mas aqui o Espírito de Deus coloca esta palavra não na boca do Senhor, mas na boca daqueles que tinham sua consciência em miserável estado no qual Israel tinha caído.

Lamentavelmente, no momento, este versículo 10 não representava o estado moral do povo, levado a confessar seus pecados, pois nos é dito: *"Judá tem sido desleal, e abominação se tem cometido em Israel e em Jerusalém; porque Judá profanou o santuário do Senhor, o qual Ele ama, e se casou com adoradora de deus estranho"* (v. 11).

Dois traços caracterizam aqui a condição moral do povo: a **profanação** e a **deslealdade**. Esta acusação nos lembra do final do livro de Neemias. Apesar de todas as exortações de Esdras, dirigidas ao povo e ao sacerdócio, a nação tinha continuado aliando-se a mulheres idólatras e, nisto, os sacerdotes davam o exemplo.

O profeta alude a esta circunstância histórica. Judá, ao profanar a aliança tinha profanado o santuário do Senhor, restaurado com suas próprias mãos, e tinha-se casado com a filha de um deus estranho (Neemias 13.23-31).

Da mesma maneira como tinham feito os sacerdotes, Judá, ao regressar do cativeiro, não era idólatra, mas a aliança com a idolatria não o diferenciava da idolatria. Era tão desprezível como quanto ousava aliar-se com o culto do verdadeiro Deus.

O mesmo acontece com os cristãos que pactuam com o mundo. Seja ou não cristianizado, este sempre segue sendo o mesmo mundo que matou o Salvador. A mistura entre os crentes e o mundo não pode continuar e necessariamente chegará o momento em que o metal precioso será separado das escórias e a palha será separada do bom grão para ser

queimada. Por isto lemos aqui: “O Senhor eliminará das tendas de Jacó o homem que fizer tal” (v. 12).

Violação da instituição do matrimônio

A continuação, e provavelmente como consequência de seus relacionamentos com idólatras, tinham agido perfidamente com suas próprias mulheres: “*Ainda fazeis isto: cobris o altar do Senhor com lágrimas, de choro e de gemidos, de sorte que Ele já não olha para a oferta, nem a aceita com prazer da vossa mão. E perguntais: Por quê? Porque o Senhor foi testemunha da aliança entre ti e a mulher da tua mocidade, com a qual tu fostes desleal, sendo ela a tua companheira e a mulher da tua aliança*” (vs. 13-14).

Eles repudiavam suas mulheres legítimas para casar-se com mulheres idólatras. E essas pobres abandonadas cobriam com choros e gemidos o altar do Senhor, enquanto seus maridos procuravam o altar para oferecer seus sacrifícios.

Violavam, ao semeá-la de dores e ruína, a aliança divina estabelecida na Criação entre o homem e a mulher. No princípio, Deus tinha feito uma companheira para Adão. “*Não fez o Senhor um, mesmo que havendo nele um pouco de espírito? E porque somente um? Ele buscava a descendência que prometera*” (v. 15).

Ainda que tivesse abandonado o que Deus tinha estabelecido na Criação, este povo ainda tinha “*o Espírito habitando no meio*” (Ageu 2.5), na pessoa de alguns fiéis que, como veremos no capítulo 3, ainda se encontravam entre eles.

Por que este Deus tinha instituído o casamento entre o primeiro homem e a primeira mulher? Porque “*buscava uma descendência para Deus*”. Só podia possuir um povo Seu e não com uma aliança profana cujo instigador era Satanás.

E o profeta acrescenta: “*Cuidai de vós mesmos e ninguém seja infiel com a mulher da sua mocidade. Porque o Senhor, Deus de Israel, diz que odeia o repúdio e também aquele que*

cobre de violência as suas vestes, diz o Senhor dos Exércitos; portanto, cuidai de vós mesmos e não sejais infiéis” (vs. 15-16).

Os sacerdotes tinham sujado as suas roupas, o povo tinha coberto os seus vestidos de violência ao cortar, sem misericórdia, os sagrados laços do matrimônio, acrescentando assim à violência a deslealdade.

A Cristandade segue o mesmo caminho

Todos os característicos que acabamos de descrever são também, **moralmente**, da Cristandade de nossos dias: abandonaram-se as relações entre filhos de um só Pai; relaxam-se os laços que Deus tem estabelecido; a aliança com o mundo é uma regra geral; os ídolos têm invadido os corações; a corrupção e a violência predominam por todo canto.

O mundo cristão é indiferente ao que Deus pensa dele e somente se preocupa com a opinião dos homens. Pergunta: “*Por quê?*” quando Deus declara não estar satisfeito com ele. O mundo associa o mal com o Nome do Senhor, como se Deus pudesse aprová-lo ou tolerá-lo: “*Enfadais o Senhor com vossas palavras e ainda dizeis: Em que O enfadamos? Nisto, que pensais: Qualquer que faz o mal passa por bom aos olhos do Senhor, e desses é que Ele se agrada; ou onde está o Deus do juízo?*” (v. 17).

Resumindo: Encontra-se algo satisfatório neste capítulo? Nele, segundo a expressão de Isaías, tudo são “*feridas, contusões e chagas inflamadas, umas e outras não espremidas, nem atadas, nem amolecidas com óleo*” (Isaías 1.6).

Os filhos de Levi

O capítulo 3 vai mostrar-nos o que o Senhor espera destes últimos e as características que distinguem os fiéis dos últimos dias.

Recordemos aqui que aqueles de Judá que tinham voltado do cativeiro e edificado o Templo de Jerusalém não tinham regressado à sua terra como remanescente convertido. Era apenas um povo de professantes, sujeitos à lei exteriormente, que tinha edificado o Templo, mas o cativeiro na Babilônia de nenhuma maneira tinha mudado seus corações.

Como já temos visto, a eles se referem os dois primeiros capítulos e o princípio do terceiro (vs. 1-15). Este último continua a exposição da história moral do povo, começando no versículo 1º do segundo capítulo.

A palavra “vós”, a qual se encontra repetidas vezes neste capítulo, se dirige tão somente ao povo não crente que professava a lei, incluindo-os como lemos no primeiro versículo do capítulo 1, nos limites de Jerusalém e de Judá para estender-se a todo o povo: “*contra Israel*”. “*Vós, a nação toda*” (v. 9).

No entanto, nos versículos que vamos considerar há uma diferença notável com os dois primeiros capítulos. Estes se dirigem tão somente à nação, considerada sob seu aspecto religioso ou civil, enquanto que o terceiro capítulo se refere, desde o princípio, a um verdadeiro remanescente, não somente a Levi, um homem, figura de Cristo (2.5-6), **mas aos filhos de Levi** (3.3), associados, em seu serviço, com seu fiel chefe, como nós, os cristãos, o estamos com Cristo.

Isto equivale a dizer que Deus permite-se formar um remanescente no meio de um povo que carece de valor moral, a Seus olhos, sem conhecimento e sem afeto para com Ele. Este remanescente, o conjunto de crentes, põe sua confiança no Senhor e espera a Sua vinda.

Já frisei em várias ocasiões a analogia que existe entre o estado descrito em Malaquias e o da Cristandade professante em nossos dias. Ao cotejar aquela profecia com as três últimas cartas do Apocalipse, vemos que o estado de morte e de mancha que se reprova em Sardes, a fraqueza e a autossatisfação que caracteriza Laodiceia, todos eles sinais

do adulterado protestantismo de nossos dias, são como um comentário destes capítulos de Malaquias.

E se o último deles nos mostra que Deus confia Seu serviço aos filhos de Levi, o Apocalipse nos ensina também que o Senhor Se reserva, em Filadélfia, um testemunho para os últimos dias, até que Ele venha a recolher Seus eleitos e introduzi-los com Ele na glória.

A vinda de Cristo

Estas grandes verdades ressaltam mais definidamente à medida que avancemos no estudo deste terceiro capítulo. Mas, antes, o Senhor anuncia a este povo um acontecimento da maior importância: **A vinda de Cristo**. *“Eis que Eu envio o Meu mensageiro, que preparará o caminho diante de Mim; de repente, virá ao Seu Templo o Senhor, a Quem vós buscais, o Anjo da Aliança, a Quem vós desejais; eis que Ele vem, diz o Senhor dos Exércitos”* (v. 1).

Quando o profeta diz: *“O Senhor, a Quem vós buscais”*, não significa que houvesse, no coração do povo algum desejo para Deus. Israel, e Judá em particular, esperava a vinda do Messias, como o vemos nos evangelhos.

Ele pensava que este Messias, filho de Davi, restabeleceria todas as coisas e tiraria Seu povo do jugo das nações para restabelecer Seu próprio reino em Israel. O povo esperava com impaciência este Rei prometido, para ser libertado da servidão à qual o tinham sujeito os gentios e ver restabelecidos seus gloriosos privilégios.

Por isto é chamado *“o Senhor a Quem vós buscais”* e *“o Anjo da Aliança, a Quem vós desejais”*, pois devia introduzir o povo nas bênçãos futuras, em virtude de Sua aliança com Israel.

Alguém pode muito bem esperar uma felicidade vindoura sem reparar nos seus relacionamentos atuais com Deus. Ontem ouvi um homem do mundo afirmar que haveria um reinado de paz na terra, que a guerra seria abolida e que os

homens desfrutariam de felicidade aqui embaixo. Sempre se falou assim.

Na antiguidade pagã, um dos seus profetas anunciava estas coisas ao povo romano. Os que criam nelas ou as desejavam podiam ter suas consciências endurecidas em relação ao seu estado pecaminoso e a necessidade de comparecer perante um Deus justo e santo.

O profeta prediz aqui que a vinda do Senhor seria anunciada pelo precursor: *“Eis que Eu envio o Meu mensageiro, que preparará o caminho diante de Mim”*, o que realmente aconteceu quando João Batista apareceu no meio do povo. Em Mateus 11.9, Jesus disse à multidão: *“Para que saísteis? Para ver um profeta? Sim, Eu vos digo, e muito mais do que profeta. Este é de quem está escrito: Eis aí Eu envio diante da Tua face, o Meu mensageiro, o qual preparará o caminho diante de ti”*.

“E virá subitamente a Seu Templo o Senhor, a Quem vós buscais”. Esta passagem não separa a vinda do Senhor ao Seu Templo do momento em que João Batista apareceu para anunciar Sua vinda. Mas, para que este grande feito acontecesse realmente, era necessário que o povo recebesse o batismo de arrependimento, único meio para preparar o caminho diante dos passos do Messias.

O Templo, habitação de Deus

A história de Israel nos ensina que, quando Salomão terminou de edificar o Templo, o Senhor veio habitar nele para morar no meio do Seu povo. Se este povo tivesse sido fiel, Deus não teria abandonado esta habitação. Mas Israel e seus reis negaram ao Senhor e praticaram todo tipo de abominações: então os juízos divinos caíram sobre o povo.

A realza desapareceu e a nação foi levada ao cativeiro. O profeta Ezequiel (capítulos 10 e 11 do seu livro) viu o trono do Senhor abandonando com pesar o Templo de Jerusalém. A casa de Deus ficou vazia e acabou sendo destruída durante o reinado de Nabucodonosor, rei da Babilônia.

No livro de Esdras, vemos o remanescente de Judá voltando para sua terra, reedificando o Templo por ordem de Ciro, mas o Senhor não entra nele. Esta casa é novamente saqueada, arruinada e destruída e, mais tarde, reconstruída por Herodes, ao mesmo tempo da chegada de Jesus Cristo. É neste momento que João Batista prepara o povo para receber o Senhor no Seu Templo.

O evangelho de João nos apresenta, no capítulo 2 (e não é sem motivo, enquanto que nos outros evangelhos é relatado no final da carreira de Cristo), o **primeiro ato** do Senhor quando sobe a Jerusalém. Entra no Templo, expulsa os vendedores e cambistas e diz: *“Não façais da Casa de Meu Pai casa de negócio”*.

A agir assim, Ele prevê sua rejeição, pois, na realidade, Ele era o Templo de Deus no meio do povo que não queria saber nada dEle. *“Destruí este santuário e em três dias o reconstruirei”*. E Ele falava do Templo do Seu corpo (João 2.13-21).

Seguidamente, chega o dia (Mateus 24.1-2) em que Jesus sai do Templo em Jerusalém e o abandona para não mais entrar nele, dizendo: *“Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada”*.

Logo o Senhor é crucificado. E agora, tudo acabou? Não! Deus O ressuscita e O faz sentar à Sua direita, de onde Ele envia o Espírito Santo, que forma um novo Templo, não de pedras e de ouro, mas um Templo espiritual, formado de pedras vivas, um edifício no qual Deus habita por meio do Espírito Santo.

Tal é a história do Templo celestial, mas o Templo terreno também tem o seu porvir, pois será reconstruído e o Senhor habitará nele aqui na terra.

Esta casa, chega a ser uma grande casa manchada por utensílios de desonra e, do mesmo jeito que no caso do Templo em Jerusalém, aproxima-se o momento em que o Senhor a recusará por completo.

No entanto, a antes desta rejeição definitiva, Deus forma, no meio da cristandade corrompida, um remanescente cristão

que seja parte da casa espiritual à qual Ele levará ao céu em Sua vinda, a qual será o Templo em que habitará por toda a Eternidade. Então dirá: *“Eis o Tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles”* (Apocalipse 21.3).

A Vinda do Senhor ao Seu Templo

Os últimos capítulos de Ezequiel (40 a 44) nos falam deste Templo futuro, estabelecido depois que o último templo – o do Anticristo, edificado por este homem rebelado contra Deus – tenha sido definitivamente destruído.

Então o Senhor reedificará Seu Templo; *“de repente virá ao Seu Templo o Senhor”* (v. 1). O profeta Ezequiel nos descreve esta cena maravilhosa: *“Vinha a glória do Deus de Israel... e eis que a glória do Senhor encheu o Templo”*. E acrescenta: *“Este é o lugar do Meu trono, e o lugar das plantas dos Meus pés, onde habitarei no meio dos filhos de Israel para sempre”* (Ezequiel 43.1-7).

O profeta Ageu também nos fala deste Templo futuro: *“E virá o Desejado de todas as nações e encherei de glória esta Casa, disse o Senhor dos Exércitos”*. É a este momento que Malaquias afirma: *“De repente, virá ao Seu Templo o Senhor... Eis que Ele vem, diz o Senhor dos Exércitos”*.

Esta vinda do Senhor ao Seu Templo já não será com graça, como a primeira, mas com glória e acontecerá após os juízos. Será anunciada, como a primeira, por um precursor que cairá sob os golpes do Anticristo.

Se João Batista tivesse sido recebido, ele teria sido este Elias que devia vir (Mateus 11.14; 17.10-12), mas foi rejeitado e o Senhor trará novamente Elias, segundo o capítulo 4.5 de Malaquias: *“Eis que Eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor”*. Veremos mais adiante a explicação deste versículo.

Nós, os cristãos, que nos encontramos sob o regime da graça, já não temos que esperar um mensageiro que nos anuncie a segunda vinda de Cristo, como João Batista anunciou a primeira.

Nosso mensageiro veio faz muito tempo na Pessoa do Espírito Santo, que desceu à terra no dia de Pentecostes e nos tem ensinado a esperar também a súbita vinda do Senhor, mas com graça, para introduzir-nos na glória, cujo centro será a **Jerusalém celestial**.

Sim, Ele virá logo, mas quer que O esperemos de um momento a outro, não como um ladrão de noite, mas como a Estrela resplandecente da manhã. Sua vinda talvez ainda demore, mas devemos esperá-la para hoje mesmo; Ele considera para isso o nosso apego à Sua Pessoa.

Israel não soube esperar ao Senhor

O mesmo acontecia com Israel no tempo de Malaquias. O profeta queria manter o povo desperto, pois era preciso que compreendesse que a vinda do Libertador estava perto. Mais de quatro séculos se passaram entre esta profecia e a vinda do Salvador e de Seu precursor, mas o que o Senhor queria era que os fiéis O esperassem.

E Seu povo O esperou? Entre a profecia de Malaquias e a primeira vinda de Cristo transcorreram séculos cheios de acontecimentos diversos. E, quando apareceu, Judá tinha esquecido esta profecia, mas alguns pobres do rebanho O esperavam, tal como o vemos no final de nosso capítulo e o princípio do evangelho de Lucas.

Na realidade, somente os crentes podem esperar ao Senhor com gozo; os não crentes procurarão esquecê-lo ou negar a Sua vinda. E que tem isto de diferente? A vinda do Senhor com glória é, para o mundo, Sua vinda para executar juízo, como o vemos na passagem que consideramos: *“Quem poderá suportar o dia da Sua vinda? E quem poderá subsistir quando aparecer?”* (v. 2).

Será que o povo poderia regozijar-se com este acontecimento? Lamentavelmente, quando o Senhor venha para o Seu Templo, julgará sem misericórdia a nação apóstata e *“quem poderá subsistir quando Ele aparecer?”* (v.

2). O estabelecimento do reinado de Cristo estará baseado no juízo dos que tenham rejeitado o Messias.

O Senhor se apresenta como o purificador

Agora o profeta acrescenta: *“Assentar-se-á como derretedor e purificador da prata; purificará os filhos de Levi e os refinará como ouro e como prata; eles trarão ao Senhor justas ofertas”* (v. 3).

Encontramos aqui, não mais como no versículo anterior, o juízo do povo infiel, mas a maneira como o Senhor formará um povo que Lhe pertença e ao que Ele possa reconhecer como Seu.

Para isto, valendo-se do juízo, fará uma obra tranquila e reflexionada: se sentará. Adotará a atitude de um homem que afina e purifica a prata. Separará, mediante o fogo, o metal precioso das escórias, o bom do mau.

Tais serão os caminhos de Deus em relação ao remanescente que reunirá no meio da grande tribulação (Salmo 66.11-12). Será necessário que tal remanescente passe pelo forno para ser purificado e livrado de suas ligaduras; no entanto, será sustentado, como antigamente o foram os companheiros de Daniel, pela presença do Anjo do Senhor.

Este remanescente judeu dos últimos tempos diferirá muito do remanescente cristão dos nossos dias. Cristo virá para nós com graça; para eles, com glória. Esta vinda gloriosa dá fim ao Antigo Testamento, como a graça o faz com o Novo Testamento. Cristo achega-se a eles para juízo; a nós, com paz e misericórdia.

E, no entanto, o Senhor usa também o crisol para o remanescente cristão. Embora cuide da Sua Igreja, o faz para santificá-la purificando-a pela Palavra (Efésios 5). Ele trabalha nas almas e nas consciências dos santos para separá-los do mundo que corre para o juízo.

Ele quer um povo santo, capaz de servi-LO e esperá-LO, a quem possa apresentar como a Sua Igreja, gloriosa, sem mancha e nem ruga, sem defeito.

1 Pedro 1.7 nos apresenta também o crisol: *“Para que, uma vez confirmado o valor da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado pelo fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo”*.

Purificará os filhos de Levi

Temos insistido no fato que a descrição do estado do povo e do sacerdócio, no capítulo 2, não oferece nenhum tipo de alento. Agora, no capítulo 3, o profeta nos diz: *“Purificará os filhos de Levi e os refinará como ouro ou como prata; eles trarão ao Senhor justas ofertas”* (v. 3).

Os filhos de Levi são para Deus o verdadeiro remanescente. Não é isto notável? No capítulo 2, Levi é mencionado completamente só, como figura de Cristo, o verdadeiro servo. Ele trata de nossa aliança de vida e paz. Mas aqui são os filhos de Levi os que serão purificados para que possam integrar este pacto. O mesmo acontecerá com o remanescente de Israel nos últimos, dias.

As relações com Cristo o farão agradável perante Deus, mas não antes que o juízo o tenha purificado. *“Então, a oferta de Judá e de Jerusalém era agradável ao Senhor, como nos dias antigos e como nos primeiros anos”* (v. 4).

As relações de Judá e de Jerusalém com Deus, para render-Lhe culto, unicamente poderão ser restabelecidas em virtude da aceitação dos integrantes do remanescente como companheiros do Messias.

Será bom que retenhamos esta verdade. No estado de coisas que atravessamos, um culto verdadeiro rendido por alguns tem valor aos olhos de Deus, pois representa o culto geral que Lhe será oferecido e é precursor deste. Isto é apropriado para alertar-nos.

Certamente deveríamos render culto com outro poder, mas o que sobe de um coração sincero perante o Senhor, a

adoração e o louvor, e tão aceitável por parte de Deus como quando a Igreja não é mais que um coração e uma alma. Ele o aceita como o louvor futuro, quando toda a Igreja esteja reunida em torno de Cristo na glória. (Salmo 22).

Julgará o povo

Depois de ter mencionado os filhos de Levi, o profeta volta-se novamente para o povo: *“Chegar-Me-ei novamente para vós outros para juízo; serei testemunha veloz contra os feiticeiros, e contra os adúlteros, e contra os que juram falsamente, e contra os que defraudam o salário do jornaleiro, e oprimem a viúva e o órfão, e torcem o direito do estrangeiro, e não Me temem, diz o Senhor dos Exércitos”* (v. 5).

É importante repetir que, em todo este capítulo, o “vós” se refere ao povo infiel e não ao remanescente crente. Insistimos nesta observação porque é a chave da expressão: *“Fugireis pelos vales dos Meus montes”* (Zacarias 14.5), passagem que habitualmente é aplicável ao remanescente. Efetivamente, depois de ter-se referido, no versículo 4, às consequências que a fidelidade dos filhos de Levi teriam por Judá e Jerusalém, o Espírito de Deus nos mostra o resultado da infidelidade do povo.

Esta infidelidade já não é a idolatria de outrora, mas a que se resume nas palavras: o desprezo para com Deus e o próximo (5.4; 8.17), como características do estado moral do povo nos últimos dias.

Exteriormente, parecia que tudo estivesse em ordem: embora se mencione a magia, contudo os ídolos estavam ausentes, mas o coração do povo estava tão corrompido como quando a idolatria dominava em Israel. Por isso, esta causa, o estado do coração da nação, devia cair sobre ela o juízo de Deus.

Isto caracteriza toda profissão que esteja *“acompanhada de fé”* (Hebreus 4.2). Deus resume este estado com uma única frase: *“E não Me temem, diz o Senhor dos Exércitos”* (v. 5). Falta-lhes o princípio, o primeiro passo no caminho da

sabedoria e, como veremos no v. 16, os verdadeiros crentes se caracterizam precisamente por tal temor.

O temor ao Senhor

Afinal, o que é temer ao Senhor? O temor é o sentimento de um inferior em relação a um superior. Temer a Deus é reconhecer, como criaturas que somos, Sua **soberania** e Seus **direitos** absolutos sobre nós, assim como a autoridade da Sua Palavra. O mesmo acontece no caso de nossas relações com Cristo, pois somos servos a quem Ele adquiriu para Si, ao pagar nosso resgate.

O temor implica em sentimento de **obediência** devida à Autoridade, às Suas ordens e aos Seus mandamentos, assim como o sentimento de **serviço** a ser prestado. O servidor ao obedecê-lo, deve tratar de **agradar** ao seu senhor, a quem deve tudo.

Um servo teme ao seu amo, um homem ao magistrado, uma mulher ao seu marido, um filho a seu pai, pois todos os que são nomeados em segundo lugar são representantes de uma autoridade que lhes tem sido confiada por Deus.

Não falamos no amor que implicam estas diversos relacionamentos, mas dizemos que o temor deve estar baseado nelas. Por isto, a Primeira Epístola de Pedro, a que fala da conduta cristã, insiste acerca do temor. Conheço a Deus como um Pai, me aproximo dEle com toda a confiança infantil e filial, mas sem perder de vista a diferença que nos é devida.

Reconheço Seus direitos sobre mim como Deus, Criador, Senhor e Amo, e meu único pensamento será servi-lo, não com o temor de um servo com medo do chicote, mas com o pleno regozijo de minha relação com Ele como filho.

Se no homem não existe o temor a Deus, não há **nada**, nenhum vínculo moral entre a alma e Ele (Salmo 36.1-4). Isto é o que falta a uma profissão religiosa sem vida, como ao homem incrédulo. O homem natural, mesmo levando o nome de Cristo, sempre tem como guia a sua própria vontade,

inimiga da vontade de Deus, à qual não pode submeter-se (Romanos 8.7).

Em contraste, com o fato de converter-se em cristão implica desde o começo uma submissão de fé à vontade de Deus. *“Que farei, Senhor?”*, pergunta Saulo no caminho de Damasco (Atos 22.10). A vontade própria foi quebrantada e a de Deus é aceita como o único meio de salvação: *“Segundo o Seu querer Ele nos gerou pela Palavra da verdade, para que fôssemos como primícias das Suas criaturas”* (Tiago 1.18).

Voltem para Mim!

“Porque Eu, o Senhor, não mudo; por isso, vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos” (v. 6). Embora o coração do homem rejeite a Deus e O despreze, Deus não muda. Faz promessas a Jacó e as cumprirá custe o que custar, pois Ele é um Deus fiel e não pode negar a Sua eterna bondade.

Mas também é um Deus justo que não pode tolerar o mal; é preciso, pois, que os maus sejam consumidos e somente a Sua graça detém ainda a espada do juízo. Insisto em provar vocês, diz o Senhor, que não temeis Meu Nome e que caireis sob os golpes da Minha ira, que não tenho abandonado Minhas promessas; a prova está em que ainda não vos tenho consumido. aguardo pacientemente que vos desvieis do mal, pois Minha paciência é salvação.

“Desde os dias de vossos pais, vos desviastes dos Meus estatutos e não os guardastes” (v. 7). Eu aguardo com paciência que volteis a elas. Não Me escutareis? *“Tornai-vos para Mim e Eu Me tornarei para vós outros, diz o Senhor dos Exércitos”*. Da Minha parte, nada mudou e da parte de vocês? Que fareis?

Encontramos novamente nesta passagem as primeiras palavras do profeta Zacarias: *“Tornai-vos para Mim, diz o Senhor dos Exércitos, e Eu Me tornarei para vós”* (Zacarias 1.3), mas, dando mais ênfase a elas, o profeta Malaquias as fez preceder das palavras: *“Eu vos tenho amado”* (1.2), muito apropriadas para tocar o rebelde coração de Israel.

Neste último esforço para sacudir a endurecida consciência do homem, Deus, antes de apresentar-lhe sua responsabilidade, desejava convencê-lo do que havia em seu coração. *“Deus amou ao mundo de tal maneira”*, isto é o Evangelho e é muito mais do que faz Zacarias, e Malaquias, o último profeta, trata do assunto de maneiras diferentes.

Em que havemos de voltar?

E qual foi a resposta do povo a este chamado? *“Mas vós dizeis: Em que havemos de tornar?”*. Acaso não oferecemos sacrifícios? Não observamos os sábados e as festas prescritas? Não nos apresentamos com regularidade ao Templo? Não é muito exigente o Senhor ao nos exigir mais? Em que temos faltado para que Deus nos imponha uma conversão?.

É o mesmo sentimento que o filho maior, na história do filho pródigo, quando disse a seu pai: *“Há tantos anos que te sirvo sem jamais transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito sequer para alegrar-me com os meus amigos”* (Lucas 15.29).

Realmente, o pensamento da conversão não entra no coração do professante, qualquer que seja a dispensação a que pertença. Ele dirá: Que deveres tenho deixado de cumprir? Não fui batizado? E não confirmei o voto do meu batismo? Será que eu me comporto como um pagão idólatra? Não estou indo à igreja? Não cumpro meus deveres religiosos? Não doou esmolas?.

Trata-se a Deus de igual para igual. Falas-me em tornar? Absolutamente, não preciso disto! E esta indiferença é um insulto a Deus. O coração do professante, apesar das aparências exteriores, permanece insensível, como também a sua consciência.

O povo judeu demonstrou isto quando, 420 anos mais tarde, o Senhor veio ao Seu Templo. Com os mesmos característicos religiosos descritos em Malaquias, estes

homens põem o Messias na cruz e O crucificam. E o que fariam hoje?.

“Roubará o homem a Deus? Todavia, vós Me roubais e dizeis: Em que Te roubamos?”. E Deus responde: “Nos dizimos e nas ofertas. Com maldição sois amaldiçoados, porque a Mim Me roubais, vós a nação toda” (v. 8-9).

Pondo Deus à prova

Então Deus os põe à prova, ou melhor, convida-os a que O provem. *“Trazei todos os dizimos à casa do Tesouro, para que haja mantimento na Minha casa; e provai-Me nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se Eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós bênção sem medida. Por vossa causa, repreenderei o devorador, para que não vos consuma o fruto da terra; a vossa vide no campo não será estéril, diz o Senhor dos Exércitos” (vs. 19-11).*

Isto tinha sucedido no tempo de Neemias (Neemias 13.10-14). Por algum tempo os chefes tinham escutado e os levitas que careciam do sustento tinham voltado a tomar confiança. Este quadro não tinha durado.

Poderia-se dizer que, nos dias do Senhor, ocorria algo diferente, pois os fariseus pagavam o dízimo até da hortelã, do endro e do cominho, indo além das prescrições da lei mas eles tinham *“negligenciado os preceitos mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fé. Deveis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas!”* (Mateus 23.23). Mesmo, ao cumprir estritamente seus deveres religiosos, só tinham como alvo atrair os olhares dos homens, sem ter em conta Aquele que via e julgava o estado de seus corações.

Aqui, o povo não consente em fazer a prova que o Senhor lhe propõe, pois não tem nenhuma confiança em Deus. Será que atualmente, sob o regime da graça as coisas têm mudado? Os homens abandonam vantagens presentes por terem em vista bênçãos futuras? Se fizessem suas esmolas segundo o pensamento de Deus, teriam medo de cair na miséria.

Liberalidade e bênção

Queridos amigos cristãos, não devemos confessar que talvez estejamos compartilhando estes sentimentos do mundo, quando se trata de dar com liberalidade para os servos do Senhor, como este povo de outrora devia prover o alimento para os levitas?

Não estou falando de sacrifícios que temos de fazer para sustentar nossas necessidades, mas de nossas liberalidades onde vejamos obreiros do Senhor ocupados no serviço de Sua Causa.

Quando somente Deus pode tomar conhecimento de nossas ofertas, damos tudo o que deveríamos dar? Esta chaga se mostrou já no início da Igreja, com Ananias e Safira. Não estou falando de que tenham mentido contra o Espírito Santo, o que de per si era um pecado para morte e atraiu sobre estes crentes o juízo do Senhor, mas do fato que, ao dissimular uma parte dos seus bens, denotaram sua falta de confiança em Deus que lhes teria voltado até cem vezes mais o que tivessem feito para Ele e para os Seus.

Como deveríamos aprender a contar de maneira mais absoluta a promessa de Deus: “*Vos abrirei as janelas do céu e derramarei sobre vós bênção sem medida*” (v. 10).

Muitas provas que afligem os cristãos podem ter como causa esta falta de confiança em Deus. O inseto “*devorador*” não é repreendido a nosso favor porque não temos compreendido que tudo o que Deus nos dá o confia para Seu serviço. Só Deus considera os motivos que nos fazem agir.

A pobre viúva dava mais do que o dízimo ao tesouro do Templo. Os servos fiéis a quem foram confiados os talentos, os usavam inteiramente para seu senhor. Todo o fruto das vitórias de Davi ia à casa do Senhor e não guardava nada para si.

O mundo gloria-se dos esforços da caridade, que provam, segundo assim se pensa, a solidariedade da família humana. Deixemos por conta de Deus o cuidado de distinguir o que,

nestas liberalidades, é feito **para Ele**. Qualquer outro motivo não tem valor a Seus olhos, pois os dízimos devem ser trazidos ao Templo de Deus.

Confiemos num Deus galardoador e disponhamos liberalmente para Ele do que realmente Lhe pertence.

Assim fazendo, não teremos nenhum mérito; no entanto, estamos seguros que bênçãos abundantes acompanharão sempre a devoção de nossos corações para Ele.

“A vossa vide no campo não será estéril, diz o Senhor dos Exércitos. Todas as nações vos chamarão felizes, porque vós sereis uma terra deleitosa, diz o Senhor dos Exércitos” (v. 12).

Que temos falado contra Ti?

A incredulidade do povo, sua indiferença, sua falta de confiança em Deus, o leva a uma última afirmação, muito mais terrível do que as outras: *“As vossas palavras foram duras para Mim, diz o Senhor dos Exércitos; mas vós dizeis: Que temos falado contra Ti? Vós dizeis: Inútil é servir a Deus; que nos aproveitou termos cuidado em guardar os Seus preceitos e em andar de luto diante do Senhor dos Exércitos? Ora, pois, nós reputávamos por felizes os soberbos; também os que cometem impiedade prosperam, sim, eles tentam ao Senhor e escapam”* (vs. 13-15).

Num sentido, o povo tinha obedecido nos dias de Neemias, acerca dos dízimos (Neemias 13.10-14) e, no entanto, continuavam pobres e escravizados. E, em vez de examinar-se a si mesmos, se rebelavam contra Deus.

Assim termina a história moral de Israel, da mesma maneira que a do mundo.

Ele vê como o orgulho tem êxito, como os maus conseguem riquezas e honras, e não somente inveja os iníquos (Salmo 73), mas apela a isto para negar a Deus e blasfemar contra Ele.

Antes de tratarmos de um novo tema, recapitulemos o estado moral do povo e do sacerdócio, caracterizado pelos

diversos assuntos contidos nestes capítulos. Esses assuntos, que são nove, denotam uma culpável ignorância acerca:

- 1)Do amor de Deus (1.2);
- 2)Do que se Lhe deve (1.6);
- 3)Do culto que deve ser rendido a Ele (1.7);
- 4)Do que convém à pureza da Sua Mesa (1.12);
- 5)De Sua santidade e justiça 2.17);
- 6)De sua própria perfídia (2.14);
- 7)Do que é necessário numa verdadeira conversão (3.7);
- 8)Da consagração no serviço (3.4);
- 9)Da rebeldia contra Deus, sem que eles nem sequer considerassem esta rebeldia! (3.13).

.oOo.

CAPÍTULO 3.16-18

OS QUE TEMEM AO SENHOR

Falavam uns aos outros

Na primeira parte deste capítulo temos visto que, no meio do triste estado moral do povo que tinha voltado do cativeiro, Deus põe Seu cuidado sobre um remanescente, “*os filhos de Levi*”, que tomam por modelo o verdadeiro Servo do Senhor (3.3; 2.5-6).

Este remanescente deveria ser purificado pela prova, da mesma maneira como o fundidor purifica a prata, a fim de receber o Messias, o Salvador de Israel, por ocasião da Sua vinda. Deste remanescente vai falar-nos o Espírito de Deus. Feliz e reconfortante espetáculo em meio de tantas ruínas!

“*Então, os que temiam ao Senhor falavam uns aos outros*” (v. 16).

Caracterizam-se eles “*pelo temor ao Senhor*”, contrariamente ao geral da nação, do qual se diz no v. 5: “*E não Me temem, diz o Senhor dos Exércitos*”. Este temor caracterizou o remanescente fiel nos dias da primeira vinda

de Cristo; é a porção das testemunhas de Cristo no dia atual e será visto no remanescente de Judá nos últimos dias.

A miúdo é pregado ao mundo acerca da devoção a Cristo e da consagração a Deus como o primeiro passo a dar na vida cristã. Estes homens, sem dúvida sinceros, enganam-se; não é necessário começar assim e, ainda mais, pregado desta maneira convida-se ao mundo a tomar um caminho que tem *“aparência de sabedoria, como culto de si mesmo, e de falsa humildade, e de rigor ascético; todavia, não têm valor algum contra a sensualidade”* (Colossenses 2.23). Este ensino esquece que o princípio da sabedoria é o temor de Deus (Salmo 11.10; Provérbios 9.10).

Já nos estendemos suficientemente neste tema, mas insistimos nele para destacar que o temor de Deus se reconhece no homem pela autoridade que a Palavra tem sobre sua consciência. Não podemos agradar a Deus sem obedecer a Sua Palavra. E nunca a profissão religiosa, e muito menos em nossos dias, admite em prática este princípio.

Os atuais sistemas religiosos admitem que a Palavra de Deus os obriga, enquanto não contradiga a sua organização, mas o coração consagrado ao Senhor sabe que Deus olha para aquele *“que treme da Minha Palavra”* (Isaías 66.2).

“Então, os que temiam ao Senhor falavam uns aos outros; o Senhor atentava e ouvia; havia um memorial escrito diante dEle para os que temem ao Senhor e para os que se lembram do Seu Nome. Eles serão pra Mim particular tesouro, naquele dia que prepararei, diz o Senhor dos Exércitos; poupá-los-ei como um homem poupa o seu filho que o serve” (vs. 16-17).

Os que se lembram do Meu Nome

Duas coisas descrevem aquele remanescente: temem ao Senhor e *“se lembram do Seu Nome”*. Tal era a posição do remanescente de Israel antes da primeira vinda do Messias; tal é também a nossa, que estamos esperando a Sua segunda vinda.

Nossa fé se manifesta precisamente no apego pela Pessoa de Cristo, agora ausente; e, quando O vejamos face e face, a fé já não será mais necessária.

Quando se está rodeado, da mesma maneira como nós estamos, de objetos que atraem nossos olhares, é um assunto grande e difícil distinguir os objetos invisíveis e fixar neles o olhar da fé. É preciso que o Cristo invisível se faça tão poderosamente real para nossa alma que, ao nosso redor, tudo o que nos rodeia perca sua realidade.

Para isto é indispensável a fé. Usamos a fé como um olho da alma, para vê-lo perto de nós e senti-lo conosco. Sabemos que, qualquer que seja a nossa fraqueza, sempre podemos dizer: *“Tu estás comigo”*, pois Sua presença não depende da maneira como a sentimos; no entanto, deveríamos experimentá-la, além de a conhecermos.

Saber que Ele está conosco é a fonte de nossa segurança durante nossa travessia aqui embaixo: *“Não temerei mal algum”*, mas experimentá-lo é outra coisa e se resume nas palavras: *“Tua vara e o Teu cajado me consolam”*. Sim, experimentar a Sua presença enche nossa alma de gozo e de consolo.

“Sinto um Guia invisível
Que caminhe a meu lado”.

Se temos razões para sentir-nos humilhados ao pensar no pouco que demonstramos gozo e comunhão em nossa vida cristã, recordemos que Deus nos tem dado, ao mesmo tempo que a fé, dois meios para viver dependentes das realidades invisíveis e para superar os obstáculos que se opõem a isto. Estes dois meios são a Palavra e a oração.

A Palavra nos revela a Cristo e sem a oração não podemos estar em comunhão com Ele e nem gozar da Sua presença. Desta maneira, cresceremos diariamente em Seu conhecimento durante o tempo que ainda nos separa da glória, onde O veremos como Ele é.

Ele nos diz: Você tem pouca força, mas é isto precisamente que obriga você a apegar-se à Minha Palavra e ao Meu Nome. Segure o que tem; não lhe peço outra coisa.

Lembre-se também que seus fracos pensamentos e Meu respeito estão consignados em Meu Livro e nunca serão esquecidos.

Por enquanto, Ele nos anima, pois conhece muito bem nossas dificuldades e debilidades.

Esperar a vinda do Senhor

Vejamos agora o que fazem os que temem ao Senhor. *“Falavam uns aos outros”*; o que os ocupa é a vinda de Cristo, o Messias, o Senhor anunciado pelo profeta.

É preciso recordar que, quando Malaquias fala de Cristo, apresenta essencialmente a Sua vinda: *“Virá ao Seu Templo o Senhor, a Quem vós desejais”* e *“Quem poderá suportar o dia da Sua vinda”* (3.1-2). A passagem que consideramos neste momento nos fala da Sua vinda; o capítulo 4 está repleto desta ideia. *“Ele vem”* é o último pensamento do Antigo Testamento; *“Venho sem demora”* é o último pensamento do Novo Testamento.

Na passagem que consideramos, os que temem ao Senhor aguardam a Sua vinda como pleno ato de graça; o capítulo 4, finalmente, nos fala da Sua vinda para executar juízo, o que se daria se, ao vir com graça, fosse rejeitado.

O profeta naturalmente fala da segunda vinda do Senhor para retirar consigo Seus santos transmudados ou ressuscitados (1 Coríntios 15.51-52; 1 Tessalonicenses 4.15-17), *“mistério”* totalmente desconhecido no Antigo Testamento.

Os dois primeiros capítulos de Lucas nos apresentam, com frescor delicioso, a atitude dos que temiam ao Senhor no momento em que Ele entrava ou ia entrar na cena. Maria e Isabel falam dEle uma à outra; Zacarias fala dEle a seus vizinhos; os pastores, instruídos pelos anjos, falam um ao outro deste acontecimento que acabava de cumprir-se; Simeão fala dEle a Seus pais quando eles trazem ao Templo o Senhor Jesus; Ana, a profetisa, fala dEle a todos quantos, em Jerusalém, esperavam a libertação.

Assim mesmo, em João 1.40-47, os discípulos André, Pedro e Natanael falam entre si do Messias que acabava de revelar-Se-lhes. Que grande tema de gozo para todos estes fiéis: o Salvador virá, o Salvador vem e o Salvador já está aqui!

E nós, os cristãos, que tememos ao Senhor e pensamos em Seu Nome, não deveríamos, quando nos encontramos, sentir-nos impulsionados também a falar um ao outro? Nossa felicidade consiste em falar de Sua segunda vinda, como antigamente os pastores o faziam da primeira?

O inimigo procura de mil maneiras impedir estas conversações entre os filhos de Deus. Não deixemos que ele nos feche a boca. Tudo o que acontece no mundo dirige nossos corações para este pensamento: Sua promessa vai cumprir-se, o grito de meia-noite vai soar: Ele vem, está às portas!

Falemos um ao outro, enquanto O esperamos; Sua vinda está próxima. Para esperá-LO não é necessário que nos esforcemos a fazê-lo. O segredo desta espera está na fé que as palavras do profeta transmitem da parte do Senhor: *“Eu vos tenho amado”*. Se apreciamos Seu amor, a espera de nossos corações, cheios dele, transbordará necessariamente em nossas conversas.

“O Senhor atentava e ouvia” (v. 16). Este é um doce pensamento para o coração dos que se interessam com Ele e em Sua próxima vinda. Presente, embora invisível, está junto àqueles que falam dEle, e permanece atento às suas palavras, que chegam claramente aos Seus ouvidos. Escuta, mesmo quando nossas conversas, como as dos discípulos de Emaús, estão misturadas com muita ignorância.

Estes dois homens tinham perdido seu Salvador e já não O esperavam, mas *“pensavam em Seu Nome”*, embora atrapalhados pela tristeza. Não sabiam que já tinha ressuscitado, mas conversavam a acerca dEle. E eis que o Senhor se lhes une no caminho, se interessa por estes pobres israelitas que tinham perdido Aquele de quem podiam dizer: Quanto nos amava!

Abre-lhes as Escrituras e seus corações começam a arder dentro deles. Tendo-se revelado a eles, não têm nada mais urgente do que correr para anunciar a seus irmãos esta boa nova.

Enquanto falavam um ao outro, Jesus aparece no meio deles e lhes abre a inteligência para que compreendessem as Escrituras. Logo Ele sobe ao céu enquanto os abençoa e eles, cheios de gozo, regressam a Jerusalém para falar um ao outro dEle e de Sua próxima vinda.

Um livro memorial

“Havia um memorial escrito diante dele para que os que temem ao Senhor e para os que se lembram do Seu Nome” (v. 16). Neste livro, todas as palavras de almas piedosas que reconhecem Sua autoridade, que pensam nEle durante Sua ausência e que, como Filadélfia, não negam o Seu Nome, ficam registradas.

Este *“livro de memórias”* é escrito *“diante dEle”*, pois Ele dá importância a tudo o que têm expressado aqueles que O amam, sem faltar uma palavra sequer. Seus nomes também são consignados neste livro, que é guardado por Ele com extremo cuidado.

Sabe-se o que representa um livro de recordações que se transmite nas famílias; ali se veem anciãos que guardam com um cuidado muito especial os nomes e os pensamentos daqueles a quem amaram em sua juventude, marcando-se até mesmo as datas.

E pensar que o Senhor possui um livro parecido e que o guardará para sempre! Se, durante o pouco tempo nosso por este mundo, não temos negado Seu Nome e temos guardado a Palavra acerca de Sua vinda, isso nunca será esquecido e o livro memorial do Senhor permanecerá aberto continuamente no céu.

“Eles serão para Mim especial tesouro naquele dia que prepararei, diz o Senhor dos Exércitos; poupá-los-ei como um homem pouca a seu filho que o serve” (v. 17).

O Senhor fala duas vezes, nos últimos versículos de Malaquias, do “*dia que prepararei*” (4.3) O Salmo 118.24 nos revela o alcance desta frase: “*Este é o dia do Senhor*”, um dia maravilhoso no qual Cristo, a pedra que os edificadores rejeitaram, veio a ser a cabeça (o arremate) do ângulo.

Neste salmo, a apresentação gloriosa do Senhor a Seu povo é antecipadamente celebrada. Sem dúvida, o juízo é constantemente mencionado nos profetas como o dia do Senhor. O mesmo Malaquias fala dele (4.1) como de um dia que “**vem**”, ardente como uma fornalha, mas nunca este dia do juízo é chamado o dia que o Senhor fará.

O que o Senhor introduz e estabelece não é o juízo, mas a salvação, a justiça, a paz, o gozo, a glória. No dia que o Senhor fará, Deus apresentará Seu amado Filho ao mundo como o Melquisedeque portador de todas estas graças.

Meu especial tesouro

Neste dia, diz o Senhor, os que Me temem “*serão para Mim especial tesouro*” (v.17). Então, Ele os reivindicará como Seus e como não pertencentes a ninguém mais. Todos os tesouros do Universo Lhe pertencem e Ele será manifestado publicamente, em Seu Reino Milenar, como o possuidor de todas estas coisas, mas também terá um tesouro especial que não será aberto ao público, um tesouro que pertence unicamente a Ele, do qual só Ele terá a chave, do qual só Ele desfrutará.

Como o tesouro pessoal dos soberanos do Oriente, no qual se encontravam as joias mais preciosas, o tesouro do Senhor estará composto por aqueles que, antigamente, no meio da infidelidade geral, temiam ao Senhor e falavam um ao outro, por aqueles que O esperavam como “*o Sol nascente das alturas*” (Lucas 1.78) e também por aqueles que o esperam, **hoje**, como “*a resplandecente Estrela da manhã*” (Apocalipse 22.16).

No dia da Sua glória, os pobres do povo, como também as fracas testemunhas de hoje, fiéis no meio da ruína, Lhe serão Seus tesouros mais prezados.

Os que compõem este tesouro especial têm guardado a palavra da Sua espera e não têm negado o Seu Nome (Apocalipse 3). A sinagoga de Satanás pode não reconhecer a estes fiéis, mas o Senhor os conhece e os que outrora O desprezavam saberão neste dia que **Ele tem amado**.

“Poupá-los-ei como um homem poupa seu filho que o serve” (v. 17). O profeta já não fala aqui, como antes, das relações que há entre um servo fiel e seu amo, mas das de um servidor cuja atividade provém de seu aspecto **filial**. No tempo futuro da glória milenar se diz destes mesmos fiéis: *“Contemplarão a Sua face e na sua frente está o Nome dEle”* (Apocalipse 22.4).

“Então vereis outra vez a diferença entre o justo e o perverso, entre o que serve a Deus e o que não O serve” (v. 18). Serão iluminados no dia no qual verão o remanescente perdoado e os soberbos, cuja sorte tinham invejado, como objeto do juízo que alcançará o povo rebelde.

O testemunho dado pelo Senhor aos que O temem e estão esperando a Sua vinda, obrigará uma parte deste povo rebelde a reconhecer a santidade de Deus, a Quem tinham negado. Finalmente, eles saberão que diferença há entre os servidores de Deus e os maus.

.oOo.

CAPÍTULO 4

O SOL DA JUSTIÇA

No capítulo 3 vimos o contraste entre o terrível dia do juízo e o dia em que o Senhor fará (3.2, 17). Aqui o profeta nos lembra novamente do dia da vingança: *“Pois eis que vem o dia e arde como fornalha; todos os soberbos e os que cometem perversidade serão como o restolho; o dia que vem os*

abrasará, diz o Senhor dos Exércitos, de sorte que não lhes deixará nem raiz e nem ramo” (v.1).

Os orgulhosos e os maus, a quem este povo, indiferente ao mal, considerava como bem-aventurados (3.15), serão consumidos pela aparição do DSenhor e completamente arrancados, sem que subsista nada deles.

“Mas para vós que temeis o Meu Nome nascerá o Sol da Justiça, trazendo salvação nas Suas asas; saireis e saltareis como bezerras soltos da estrebaria” (v. 2). Sim, para os que temem o Seu Nome, para os que têm reconhecido sua autoridade e perante Ele têm dobrado seus joelhos, se levantará o Sol da Justiça, este mesmo sol cujos fogos ardentes consumirão para sempre aos rebeldes. Depois, reinará a justiça e iluminará com seus raios o Israel de Deus.

Momento bendito, alegre e de gozo; alva de um novo dia, de uma manhã sem nuvens, cuja chuva fará brotar a erva da terra ! (2 Samuel 23.4). Os que temem ao Senhor prosperarão então como bezerras para engordar. Uma vida cheia de crescimento será a sua porção, formarão este novo rebanho de Israel, cheio de juventude, saúde e forças, que será o povo do Senhor no dia da Sua santa magnificência.

“Pisareis os perversos, porque se farão cinzas debaixo das plantas de vossos pés, naquele dia que prepararei, diz o Senhor dos Exércitos” (v. 3). Os fiéis serão também, como vemos em Zacarias e em outras passagens, os executores da vingança do Senhor contra aqueles que os tenham oprimido. Tudo isto se refere naturalmente ao remanescente judeu; mas não é menos certo que os santos glorificados formarão o séquito do Filho do Homem quando Ele vier do céu para executar juízo (Apocalipse 19.11-16).

“Lembrai-vos da lei de Moisés, Meu servo, a qual lhe prescrevi em Horebe, para todo o Israel, a saber, estatutos e juízos” (v. 4). Ao terminar, o profeta volta a dirigir os pensamentos do povo para a imutável palavra que Deus tinha comunicado por meio de Moisés. Não é notável que todo o Antigo Testamento termine recordando a Israel que a Palavra é sua única salvaguarda?

É útil proclamá-lo em nossos dias e com maior razão agora quando já não se trata da palavra da lei, senão da palavra da graça, cujo esquecimento faz aos homens absolutamente inescusáveis.

Quanto a nós, os cristãos, guardemos cuidadosamente esta Palavra; guardemo-la por completo, tal como Deus no-la tem dado. Satanás a arranca do mundo, trecho após trecho, e chegará o dia em que suas mãos já não reterão mais nada dela. Guardemos o que temos ouvido desde o princípio; não deixemos esta fé dada uma vez aos santos; edifiquemo-nos sobre ela; não deixemos que se nos arrebate nem um jota dela; que ela seja o nosso guia, segundo as palavras do apóstolo: *“Agora, pois, encomendo-vos ao Senhor e à palavra da Sua graça, que tem poder para vos edificar e dar herança entre todos os que são santificados”* (Atos 20.32).

Meditemos muito no Salmo 119, o qual nos apresenta a Palavra como o refúgio, o estímulo, o guia do fiel, como o que o sustenta em meio à crescente apostasia. Sua Palavra é *“a verdade”*, quando tudo mais é mentira. Ela nos faz conhecer a Cristo, a Sua bendita Pessoa, a Sua obra e todas Suas consequências.

O temor do Senhor se caracteriza, como temos visto, pelo apego à Sua Palavra: *“Eles têm guardado a Tua Palavra”* (João 17.6).

A vinda de Elias

“Eis que Eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor” (v. 5). Aqui não se trata de João Batista, como no início do capítulo 3. Se o povo tivesse querido receber o que Jesus lhe dizia, João teria sido o Elias que devia vir (Mateus 11.14; Marcos 9.11-13) e o Senhor da glória teria entrado em Seu Reino; mas João Batista foi rejeitado, que nem o Senhor, de Quem era precursor.

Desde então só ficava para o povo *“o dia do Senhor grande e terrível”*. Mas a graça anuncia, através do profeta, o envio de um novo Elias que reunirá para o Senhor um povo novo. Se se tivesse recebido o João Batista, o papel deste

segundo Elias teria sido inútil; mas, como não foi recebido, por causa da infidelidade do povo, Elias voltará para anunciar a vinda do Senhor em juízo: “A sua pá ele a tem na mão e limpará completamente a eira” (Mateus 3.12).

Em Apocalipse 11.4-6, uma das testemunhas tem o caráter de Elias e a outra de Moisés. Não creio, pessoalmente, em uma vinda pessoal do profeta Elias, levado ao céu sem passar pela morte; creio em sua vinda espiritual, isto é, um homem representará este profeta, pelo poder do Espírito Santo.

“Ele converterá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos aos pais, para que Eu não venha e fira a terra com maldição” (v. 6). O ministério deste novo Elias terá como efeito o restabelecimento de Israel das relações ordenadas por Deus, sob uma base que sempre deveriam ter conservado. O amor devido aos filhos, a obediência devida aos pais serão encontrados novamente e, desta maneira, a maldição será desviada do país de Israel.

Ao terminar nosso estudo, guardemos como algo precioso este pensamento: o livro de Malaquias fala a nossos corações e a nossas consciências ao convidar-nos a temer ao Senhor, a penar nEle, a falar dEle um com o outro, a guardar fielmente a Sua Palavra.

A qualquer momento, nosso Salvador, a Estrela resplandecente da manhã, pode aparecer para arrebatá-nos para Ele em glória!

.oOo.